

MODELO DE ENTREGA DE ARGUMENTO DE LONGA METRAGEM PARA O CONCURSO DE ROTEIRO:

O argumento deve ser entregue com a seguinte formatação:

Fonte: Arial, tamanho 12

Espaçamento: simples

Margem PADRÃO (3 à esquerda; 2 à direita; 3 superior; 2 inferior), estamos atentos às réguas laterais e superiores e inferiores.

Não há um limite de caracteres para o seu argumento. Há apenas o limite de 10 páginas. Ou seja, dentro dessas 10 páginas, você pode distribuir igualmente o enredo do seu projeto. Vai depender da sua estratégia. Você também pode inserir a descrição dos personagens antes de começar o seu enredo, se assim desejar.

Dica: em nossa experiência de concursos aqui no Narratologia, não ganha a melhor ideia, mas a ideia que está melhor escrita e apresentada.

É proibido adicionar figuras, imagens, ícones e afins, sob pena de desclassificação.

**Argumento de longa-metragem
Central do Brasil (Título do Projeto)
Autor: Seu Pseudônimo**

(este argumento é apenas o início do argumento do longa-metragem Central do Brasil)

Recomendação de vídeo sobre orientação de como escrever um argumento:

<https://www.youtube.com/watch?v=YmXxbUMz3rQ>

Central do Brasil. 8 horas da manhã. Trens despejam milhares de passageiros nas plataformas da estação. Ali se cruzam os caminhos da população suburbana carioca. Em torno da estação, cria-se um circo improvisado onde camelôs e todo o tipo de biscateiros vivem de pequenos negócios com a gente igualmente pobre a caminho do trem. Numa barraca, arremedo de clínica dentária, experimentam-se dentaduras que boiam numa bacia. Em pertences: o frasco de perfume pela metade, o sabonete, o porta-retratos. No meio da confusão, alguém forja documentos colando novas fotografias em carteiras de identidade.

Ouve-se a voz de uma mulher com um pronunciado sotaque nordestino: “Jesus, você foi a pior coisa que já me aconteceu”. Uma multidão se empurra para entrar no vagão. Algumas pessoas pulam pela janela. “Gente ruim como você não merece Moisés nem Isaias. A única coisa que eu gostaria é nunca mais ter que te ver na minha frente”. Uma mão segue escrevendo com caligrafia rebuscada sobre a folha de papel de carta.

Aparece a mulher de Jesus, quarenta e poucos anos. Ao lado da mulher, um filho silencioso de oito anos está concentrado no manejo do pião de corda, que rodopia espetacularmente no chão. Ao contrário dela, arisca e desajeitada, ele dá uma impressão de serenidade.

Os dois estão ditando a carta para Fernanda, uma mulher de uns sessenta anos, sentada numa mesinha portátil armada na saída da estação. Mais atrás, outras pessoas aguardam sua vez na fila para uma sessão com a escriba.

O mau humor imanente, os cabelos meio despenteados e as roupas que usa, desleixadas, quase masculinas, tornam claro que Fernanda não se preocupa em se mostrar atraente.

O pião do menino vai parar no pé de Fernanda. Ao se agachar para pegá-lo, ele esbarra na mesa e derruba alguns lápis. Fernanda se esforça para não perder a paciência e a cliente.

Falando cada vez mais alto, a mulher continua seu monólogo para o deleite da plateia atrás dela: “tu merecia era morrer com a boca cheia de formiga...”. O filho a puxa pela mão e a olha, desaprovador. Ela diminui o tom para prosseguir. “Mas não

foi pra dizer essas coisas que eu tou te escrevendo, é que necessito de dinheiro para levar seu filho Jeová ao médico...”

A mulher interrompe a narração. Pergunta para Fernanda se está sendo muito brava. Fernanda, impaciente, ignora a pergunta e pede para a mulher se apressar. A mulher, choraminguenta, resolve então iniciar um relato de suas desventuras. Pondo um fim definitivo àquilo, Fernanda pergunta a mulher se ela quer pagar pela página escrita ou pelo trabalho completo, que inclui o envio da carta. A mulher retira um bolinho de dinheiro rasgado de dentro de bolsas, conta lentamente e opta por dar a carta para Fernanda colocar no correio.

Fernanda comenta com a próxima cliente da estupidez de certas mulheres como aquela, que ficam correndo atrás de homem. Para seu constrangimento, o caso da outra é parecido.

Personagens diversos se sucedem. Histórias de famílias e amores dispersos, perseguindo rastros que vão se apagando em meio à miséria. Fernanda continua intercedendo no conteúdo das cartas, direcionando e, muito a contragosto, atuando como conselheira. Encerrando o expediente, ela desarma sua mesinha e toma o trem.

Passo arrastado, ela caminha para o bloco do conjunto residencial de classe média baixa onde mora no subúrbio. Na escada, cruza com um homem que vem descendo e a olha com curiosidade.

O interior do apartamento, impecavelmente arrumado, os sofás novos cobertos com capas de plástico, contrasta com a desolação de fora. Uma mulher na casa dos quarenta, Marília, bem maquiada e metida num tubinho decotado, está tirando os brincos de argola, enquanto espia a outra abrir a porta. Fernanda, com uma ponta de ironia, diz que espera que ela tenha tido um ótimo dia. Marília, meio sem jeito, afirma que o dia foi péssimo e enumera suas agruras. Como se isso fosse de alguma forma uma desculpa.

Fernanda faz alusões mordazes quanto a um possível homem que teria estado ali. Marília fica inexplicavelmente desconcertada. Diz que vai sair, mas Fernanda argumenta que é noite das duas cozinhereiras os congelados de que são sócias. Marília, acuada, se rende. Fernanda interroga Marília sobre umas latas de cerveja que encontra na geladeira.

Enquanto começam a preparar os congelados, Fernanda faz algo inesperado: lê as cartas que deveriam ser enviadas para o correio. Num julgamento sumário, para o horror de Marília, decide-se o destino das cartas. Aos poucos, Marília vai entrando na brincadeira e opinando quanto ao veredicto dos casos. Há três tipos de sentença para as missivas: o correio (para as imprescindíveis), o lixo (para as desnecessárias) e a gaveta (para os casos polêmicos, em que não há consenso entre as duas juradas).

Uma das cartas lidas é a da mãe de Jeová. Marília se mostra excepcionalmente tocada com a história daquela criança longe do pai e logo a proclama entre as imprescindíveis. Fernanda debocha do sentimentalismo da outra e faz menção de rasgar a carta. Diz que vai ser muito melhor para o menino se criar longe do pai imprestável e bêbado. A questão parece calar fundo às duas. Marília, num rompante, diz que para ela chega daquilo e que vai sair. Fernand volta atrás. Condescendente, joga a carta problema na gaveta do purgatório. Com isso, Marília fica.

Central do Brasil de manhã. Um pião gira no chão. Para o desagrado de Fernanda, a mãe e o menino estão na fila de novo. Arrependida por ter sido tão rude na outra carta pedindo logo dinheiro, a mulher ensaia um novo texto para seu homem: “já que tu gasta todo dinheiro em cana, vê se pelo menos aparece para visitar o seu filho Jeová...”. O menino continua rodopiando o pião, o que atrapalha a concentração de Fernanda. Já que a mãe não toma nenhuma iniciativa para reprimir o rebento, Fernanda o encara com raiva. Ele sustenta o olhar, como que se sabendo vencedor naquela pequena disputa.